

8. A destruição dos revoltosos (Nm 16,31-35)

8.1. Organização do texto

O relato da realização do julgamento, em 16,31a marca o início do desfecho da história. A ação do julgamento inicia “quando ele (Moisés) terminou de falar todas estas palavras” (16,31a). Há uma sucessão imediata do discurso para o fato do julgamento que é a realização das palavras de Moisés. Em 16,31b-33c, temos a narração do julgamento com um primeiro castigo em que os revoltosos são tragados pela terra. O castigo é seguido da fuga de todos os Israelitas (Nm 16,34ab).

O fim da unidade acontece com a narração de um segundo castigo, que é a destruição dos duzentos e cinquenta líderes com o fogo de YHWH (16,35). O castigo deste grupo pode ser interpretado como seqüência imediata do castigo do grupo de Datã Abiram e os homens de Coré (16,31b-33c). A ação é quase simultânea, porém diferenciada. O castigo como destruição de todos os culpados fora previsto. A ordem de separação consistia no afastamento da habitação de Coré, Datã e Abiram (16,24b.26b). Eles foram classificados como homens malvados (v.26b), envolvidos na mesma revolta e por isso poderiam ser exterminados conforme a palavra de YHWH (16,21b): “e eu os exterminarei como um momento”. Nm 16,35 tanto marca o fim do enredo como também serve de ligação com a unidade seguinte (Nm 17,1-5), que vai tratar do destino dos incensórios que sobraram após o castigo dos revoltosos.

8.2. Elementos estilísticos e narrativos

8.2.1. O fim do enredo

O enredo de conflito e solução parece chegar ao seu final com a realização de algo incomum conforme previsto no discurso de Moisés. A realização do castigo dos revoltosos foi também um teste para a congregação conhecer que Moisés é o enviado de YHWH (v. 28b). Este objetivo de confirmar a autoridade de Moisés como enviado, no entanto, não foi alcançado da parte dos revoltosos, pois foram tragados pela terra. Nem foi alcançado pelo povo que fugiu apavorado (v.34). Resultado paradoxal também tiveram os duzentos e cinquenta que se submeteram ao teste do oferecimento do incenso (v.18) para conhecer quem é o eleito. O fogo cai de YHWH e não queima apenas o incenso nos incensórios, mas queima ao mesmo tempo aqueles que ofereciam o incenso⁶⁸³, sem que estes viessem a conhecer o resultado, que seria a revelação do eleito.

Do ponto de vista de Moisés e seus seguidores, a destruição dos revoltosos parecia ser o fim do conflito. O autor, no entanto, mostra como o conflito não termina com a eliminação dos revoltosos. O que o grupo de Moisés e Aarão esperava, o fim das murmurações e revoltas, não aconteceu. Todos os filhos de Israel que haviam fugido diante da destruição (v 34), no dia seguinte formaram nova revolta contra Moisés e Aarão (Nm 17,6-7) e com motivos mais fortes: “Vós fizestes morrer o povo de YHWH” (17,6b)⁶⁸⁴.

8.2.2. Tempo da história e tempo da narração⁶⁸⁵

O fim do discurso de Moisés é seguido imediatamente do início do castigo dos revoltosos. Isso vem expresso com uma frase temporal subordinada com a conjunção **כִּי** mais o infinitivo construído: “Quando ele terminou de falar”.

⁶⁸³ Cf. LEHMING, V. S. *Versuch zu Num 16. Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, n. 74, p. 317.

⁶⁸⁴ Cf. capítulo 3, p. 109-111.

⁶⁸⁵ Sobre o sentido de tempo da história e tempo da narração, cf. capítulo 4, p.154, nota 442.

A conjunção **וְ** junto ao infinitivo construído **פָּכַלְתָּ** supõe uma correlação entre as duas ações: o discurso de Moisés e o castigo dos revoltosos. Assim, a construção do período expressa a idéia de sucessão imediata, ou mesmo simultânea. No momento em que Moisés terminou de falar, iniciam-se as ações do castigo (cf. Dt 31,24; 1Rs 8,54)⁶⁸⁶. O tempo da história é breve, pois as ações ocorrem em uma sucessão rápida, justamente no momento em que Moisés terminou de falar. Na revelação da tenda do encontro, em 16,21, YHWH havia previsto que a destruição poderia ocorrer “como um momento”, após a separação da congregação. O autor adiou este momento do fim, criando mais dramaticidade com elementos novos aí inseridos. O momento entre a separação da congregação e a destruição dos revoltosos, assim foi alongado com a inserção do discurso preparatório de Moisés (v. 28-30) para dar dramaticidade ao tempo decisivo da história com a destruição dos revoltosos.

8.2.3. A relação entre discurso e realização do castigo

O enredo é enriquecido com uma estrutura do tipo: desejo/cumprimento⁶⁸⁷. O que Moisés fala no discurso em relação aos revoltosos cumpre-se na narração. Isso é comprovado no paralelismo entre o discurso (v. 30) e o relato (v. 31-33).

v. 30	v. 31-33
(1) Se uma criação YHWH criar.	(1) fendeu-se o solo que (estava) debaixo deles
(2) se a terra abrir a sua boca	(2) e a terra abriu sua boca
(3) e tragar eles e tudo que é deles	(3) e os tragou e suas casas.
(4) se descerem vivos para o sheol	(4) Desceram eles... vivos para o sheol.

O único termo não paralelo é o tema da criação, o qual parece estranho no contexto do castigo dos revoltosos que desceram vivos ao sheol tragados pela

⁶⁸⁶ Cf. JOÜON, P. *Grammaire de L'Hébreu Biblique*, p. 507, n. 166b; p. 511, n. 166m.n; DEIANA, G ; SPREAFICO, A. *Guida Allo Studio dell'Ebraico Biblico*, p. 132, n. 51.

⁶⁸⁷ Cf. SKA, J. L. *Our Father's have Told Us*, p. 17.20. Do ponto de vista formal, o enredo pode apresentar as estruturas: ordem/execução, desejo/cumprimento, problema/solução, conflito/solução do conflito. Um enredo pode conter formas variadas.

terra⁶⁸⁸. No entanto, a ação de Deus de “criar uma criação” (v. 30a) vem explicitada a seguir com a probabilidade⁶⁸⁹ de a terra abrir-se e tragar eles e tudo o que é deles. Foi o que ocorreu nos v. 31-33. De fato a narração, no v. 31a, liga o discurso de Moisés com a realização do castigo: “Todas estas palavras” que Moisés acabara de falar começam a se realizar nos fatos a seguir. Assim, a correspondência entre anúncio do castigo e sua realização prova que Moisés não se impôs na liderança, mas foi enviado por Deus⁶⁹⁰.

8.2.4. A ênfase nos fatos

Temos uma seqüência narrativa com os verbos no imperfeito com waw conversivo: “fendeu-se a terra” (v. 31b) “abriu a terra a sua boca” (v. 32a) “tragou eles e as suas casas” (v.32b) “E desceram eles e tudo o que era deles, vivos para o sheol” (v. 33a), “a terra cobriu-os ” (v. 33b), “e pereceram”(v. 33c). As orações começam com o verbo, o que destaca a importância do fato sobre as pessoas ou coisas envolvidas. Nas três primeiras frases, a terra é o sujeito dos verbos (v. 31b.32a.32b). A mesma terra que Datã e Abiram se recusaram a subir (cf. v.12-15) engole os revoltosos e os faz descer vivos ao sheol⁶⁹¹.

A forma do castigo é bem destacada no paralelismo sinonímico entre o v. 31b (“fendeu-se o solo”) e o v. 32a (“abriu a terra a sua boca”). No v. 31b, o verbo na forma nifal (forma reflexiva e passiva) indica um agente oculto que faz a ação. Observa-se também a variedade literária no uso de termos הַאֲרֶזֶת (“o solo fértil”) e אֶרֶץ (“a terra”) como é próprio do paralelismo também na prosa⁶⁹². הַאֲרֶזֶת, no v. 31b, designa o solo fértil e cultivável, forma o paralelismo com אֶרֶץ, no v.

⁶⁸⁸ Cf. HANSON, H. E. Num XVI 30 and the meaning of bara'. *Vetus Testamentum*, vol. 22, n. 3, p. 353-359. O autor propõe traduzir Nm 16,30a, como “abrir uma fenda”, baseando-se no significado primitivo de bara' como “modelar através de corte”, “separar” “cortar”. Uma tradução com este significado tornaria perfeito o paralelismo dos textos: “Se uma fenda YHWH abrir” (v. 30a) com “fendeu-se a terra que estava debaixo deles” (v 31b).

⁶⁸⁹ A probabilidade é real, uma vez que Moisés parece certo, diante de YHWH, de que ele é enviado. Diante daqueles que não aceitam sua autoridade, seu discurso coloca o poder de Deus à prova. Se YHWH foi capaz de abrir o mar que engoliu os perseguidores do seu povo para facilitar a caminhada do êxodo (Ex 14), também será capaz de abrir a terra para engolir os opositores de sua autoridade.

⁶⁹⁰ W. VOGELS, (*Moisés e suas múltiplas facetas*, p. 232) observa o perfeito entrelaçamento e harmonia entre o discurso de Moisés (v. 30) e sua realização (v. 31-33a).

⁶⁹¹ Cf. SCHATZ, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 223.

⁶⁹² Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 319, n. 70.

32a, a terra, o mundo. O autor quer mostrar a terra que abre a boca e engole os revoltosos, como instrumento do juízo divino, e uma forma incomum de destruição dos culpados.

8.2.5. A ação principal: a terra tragou os revoltosos

No v. 32b o verbo tragar expressa a ação principal que realiza o juízo. O verbo (“tragou”) é seguido do complemento direto: “tragou eles e as casas deles...”. Aí são citadas as pessoas em primeiro lugar: “eles” e depois os pertences “as casas deles”. Também na seqüência dos objetos diretos coordenados, são citados primeiro os seres humanos: “todos os homens que eram de Coré”, em seguida, as coisas “as posses”. Com isso, destaca-se o julgamento total em primeiro lugar sobre os revoltosos, por serem culpados e depois sobre as coisas deles.

A terra será o sepulcro para os revoltosos. O v. 33 compõe-se de uma série de três orações coordenadas entre si, na seqüência narrativa com o imperfeito com *waw* inversivo. Aqui o autor apresenta as conseqüências do fato narrado nos v. 31-32. As orações iniciam com o verbo. Os três verbos indicam o juízo final e definitivo dos revoltosos: “desceram”, “a terra cobriu-os”, “pereceram”. Eles, e tudo o que era deles, desceram vivos para o sheol. No v. 33a, inicia-se o relato sobre o fim dos revoltosos. O verbo principal, “desceram”, está na terceira pessoa do plural. O sujeito são “eles e tudo o que é deles”. A primeira referência é feita às pessoas com o pronome “eles”. Depois o texto cita de forma genérica “e tudo o que é deles”. Observamos no conteúdo das três frases (v.33a.33b.33c.) um crescimento literário para mostrar o clímax final na destruição total dos revoltosos: “desceram vivos para o sheol”, “a terra cobriu-os”, “pereceram do meio da assembléia”. Desde o v. 31b, podemos observar esse paralelismo que conduz ao clímax do enredo com a destruição total dos revoltosos.

A construção das frases e o vocabulário, em torno do tema da destruição, revela este crescimento em torno da destruição: “fendeu-se” (v. 31b), “Abriu a boca” (v. 32a), “tragou eles e tudo o que é deles” (v. 32b), “desceram vivos para o sheol” (v. 33a), “a terra cobriu-os” (v. 33b), “desapareceram do meio da assembléia” (v. 33c).

Com esses elementos, julgo que o relato é uma forma poética da descrição do enterro, pois contém todos os passos da morte e sepultamento: a) abertura do túmulo (a terra se abriu), a entrada do túmulo (a boca da terra), a morte comprovada (descida ao sheol), a tampa do sepulcro (a terra cobriu-os). Não há possibilidade de retorno, pois, no v. 33c, é relatado que pereceram desaparecendo do meio da assembléia. וַיִּאבְדוּ מִתּוֹךְ הַקְהָל (“e desapareceram do meio da assembléia”). Em consequência, “Todo Israel que estava ao redor deles fugiram” (v. 34). Restaram ainda os duzentos e cinquenta que resistiram firmes como Datã e Abiram (v. 27). A narração da destruição desse grupo é mais breve, porém foi uma destruição mais terrível: “Um fogo saiu de junto de YHWH e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereceram incenso” (v. 35).

8.3. Interpretação

8.3.1. Realização da palavra de Moisés (v. 31)

O castigo dos revoltosos começa a realizar-se conforme as palavras de Moisés. A ação do castigo é simultânea ao momento em que Moisés termina de falar (v. 31a). Nisto também o narrador destaca a força do discurso de Moisés, como enviado. דִּבֶּר indica o tema ou assunto, mas também a ação e o modo de realizar⁶⁹³. O início do discurso “Nisto conhecereis que YHWH me enviou” (v. 28b) refere-se ao castigo que é a realização das palavras, tornadas sinal a partir da realização do discurso (cf. v. 31a). A raiz דִּבֶּר aparece duas vezes no v. 31a, no infinitivo construído: “para falar” e no complemento direto do verbo: “todas estas palavras”. Exatamente “todas estas palavras” recém pronunciadas (v. 29-30) transformam-se em ação reveladora da autoridade divina de Moisés (v.31-34). Moisés e Aarão tinham ouvido a Palavra de YHWH, receberam instruções (v. 20-21), mas foi Moisés quem havia ordenado à congregação de distanciar-se dos revoltosos. A palavra falada com autoridade do mandato divino, é a palavra que se

⁶⁹³ Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 149; GERLEMAN, G. דִּבֶּר (“falar”). In: JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento I*, col. 623-624.

realiza em ato, nos sinais que seguem: “Nisto conhecereis” (v. 28b). As palavras de Moisés que começam a acontecer são “todos estes feitos que não procedem do seu coração” (v. 28c), mas acontecem conforme foram previstos, na forma de um teste. Sua realização prova a autenticidade da missão de Moisés como enviado divino.

A necessidade de fundamentação teológica da missão de Moisés revela crise no exercício de sua autoridade. A proposta de um teste, chamando em causa a intervenção de YHWH com um sinal extraordinário, revela Moisés um líder isolado que não compartilha seus atos com o conselho de anciãos⁶⁹⁴. Isso desencadeia desgaste no relacionamento com o povo e perda gradativa de sua credibilidade. Aqui o conflito aparece na falta de autoconfiança em sua liderança diante da congregação.

8.3.2. A terra se abriu e tragou os revoltosos (v. 31b-32)

Para o autor, Moisés tinha certeza de que suas palavras seriam sancionadas com a ação divina, pois ele fora enviado por YHWH (v. 28b). Por isso, “quando ele terminou de falar”, começou o julgamento: “fendeu-se o solo que estava debaixo deles” (v. 31b). O verbo está na forma reflexiva e passiva, o que pode indicar ação divina⁶⁹⁵. O sentido do verbo no nifal é fender, rachar, quebrar (cf. Gn 7,11; 1Rs 1,40; Jó 26,8; 2Cr 25,12; Is 35,6; Ez 13,1)⁶⁹⁶. Justamente a terra que estava debaixo deles, onde estavam situados com todos os seus pertences, “fendeu-se”. Esse dado delimita o julgamento somente ao lugar onde estavam os revoltosos e seus pertences. O mesmo verbo ocorre em Ex 14,21, com dupla finalidade: as águas fenderam-se para a salvação dos Israelitas que passaram a pé enxuto, e também tragaram os Egípcios que os perseguiram com seus carros e cavalos. A obra da separação: águas das águas e águas da terra, em Gn 1,6-9, é uma criação que possibilita a vida. No v. 31b, a separação da terra que se abre é uma criação nova que possibilita julgamento e morte. O uso do verbo criar no

⁶⁹⁴ Diferente a situação em Ex 18,1-27. Os anciãos de Israel e Aarão vieram até Moisés. Moisés, no dia seguinte, colocou-se a julgar sozinho, mas acabou aceitando o conselho de Jetro para que dividisse a responsabilidade nomeando chefes.

⁶⁹⁵ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p.139, nota 69.

⁶⁹⁶ Cf. HORT, G. *The Death of Qorah. Australian Biblical Review*, n. 7, p. 12-13.

v.30a, encontra sentido, pois a forma do julgamento é algo novo, inusitado em vista de livrar Moisés das murmurações e confirmá-lo na liderança do povo. A narração volta a relatar o fenômeno no v. 32a: “E abriu a terra a sua boca”, justamente como previsto em v. 30b: “Se abrir a terra a sua boca e tragar eles (os revoltosos) e tudo o que é deles”. A imagem da terra qual um monstro que abre sua boca para devorar os culpados retrata a forma terrível do julgamento. A imagem mítico-poética não é desconhecida. Encontra-se no livro dos mortos dos egípcios⁶⁹⁷. O comedor dos mortos com a cabeça de crocodilo aí espera impacientemente os corações dos mortos depois de pesados na balança. Nos textos fenícios de Ras-Shamra, Môt, o deus da morte que habita nas regiões subterrâneas, também abre sua boca para engolir os viventes⁶⁹⁸.

Uma relação com Ex 14-15 nos oferece elementos para uma melhor interpretação teológica da morte dos revoltosos, relacionada com a negação de realizar o projeto do êxodo. Como as águas foram partidas (Ex 14,21), e depois retornaram e cobriram carros e cavaleiros e todo exército do Faraó (Ex 14,27-28)⁶⁹⁹, de forma semelhante, a terra fendeu-se, abriu sua boca e tragou Datã, Abiram, os homens de Coré e todos os seus pertences (v. 31b.32ab). Faraó e seu exército se opuseram ao projeto de YHWH de libertar os hebreus do Egito. Tentaram impedir a marcha da escravidão e da morte para a libertação e a vida. Por isso foram tragados pelas águas. As mesmas águas instrumento de juízo, com a abertura do mar, possibilitaram a passagem dos hebreus em terra seca. Em nosso texto, os revoltosos se opuseram ao projeto da marcha para a terra prometida, ao afrontar a autoridade de Moisés e Aarão e não aceitando a organização para a marcha no deserto (Nm 16,12-15). Por isso foram engolidos pela própria terra (v. 31-33). O castigo pelo mar que se abre e fecha sobre os opressores, e o castigo pela terra que se abre para tragar os revoltosos, são narrações poéticas, com objetivo teológico. Opor-se ao projeto da marcha do êxodo é recusar o projeto da vida que é a realização da promessa da posse da terra. Trata-se de uma oposição à novidade de uma criação a realizar-se com o projeto do êxodo, de vencer os

⁶⁹⁷ Cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 166-167; BERNINI, G. *Il libro dei Numeri*, p. 178.

⁶⁹⁸ Cf. CAZELLES, H. *Les Nombres*, p. 85.

⁶⁹⁹ Cf. SKA, J. L. *La Passage de la Mer*, p. 96-97.

conflitos e pôr-se em marcha sob uma liderança mais democrática, que atenda as reclamações do povo (cf. Nm 16,3)⁷⁰⁰.

No cântico de Moisés (Ex 15), temos a imagem do mar cobrindo Faraó e seu exército (Ex 15, 4-5.10) como também a imagem da terra que engole os inimigos (Ex 15,12: “e a terra os engoliu”). Assim, a imagem da terra tragando o grupo dos revoltosos (v. 32), em nossa interpretação, é uma forma poética para expressar a destruição dos grupos opostos ao projeto de Deus. Não parece necessário procurar explicações naturalísticas para o castigo, baseadas na geologia. A explicação mais conhecida para o castigo dos revoltosos, nesse caso, seria uma provável ocorrência de um soterramento natural por estarem acampados em um lugar perigoso, chamado kewir⁷⁰¹. Na verdade, o autor quer mostrar, com esta narração, como os homens malvados que não foram engolidos pelo mar, em Ex 14, foram tragados pela terra, em Nm 16,31-32⁷⁰². Assim, todos aqueles que fizeram oposição ao projeto de Moisés de guiar o povo para a terra prometida pereceram. O castigo de Deus sobre Coré, Datã e Abiram é, portanto, uma das formas do juízo de Deus que fez perecer no deserto aquela geração rebelde e malvada, em vista da purificação de Israel (cf. Nm 14,23.30). Este é um fenômeno único, pois os revoltosos Datã e Abiram desapareceram sem deixar traço ou sinal para a história ser contada ou reconstruída⁷⁰³.

Entre aqueles que deviam descer ao sheol, tragados pela terra (v. 30), são citados primeiro os homens e depois as coisas: “eles e tudo o que é deles” (v.

⁷⁰⁰ Tanto as murmurações do povo, como a falta de descentralização do poder por parte dos líderes causaram o atraso na realização do projeto do êxodo.

⁷⁰¹ Kewir seria uma grande camada de lama endurecida com uma superfície pantanosa por baixo. Sua existência deve-se à configuração do solo não drenado, fenômeno comprovado na região de Ein Qades no Arábá. G. Horth explica que a morte dos revoltosos pode ter sido um fenômeno natural de soterramento. As tendas de Coré, Datã, e Abiram estariam armadas sobre um kewir. Esta placa de lama endurecida rompeu-se e todos com suas posses foram tragados vivos para o fundo da terra. Em algum ponto de suas peregrinações no deserto, algum grupo pode ter sofrido esta catástrofe. Outra possibilidade seria a ocorrência de um terremoto ou mesmo um acidente que ocasionou a queda deles em uma brecha já existente na terra (Hugo Gressman). Essas informações porém não podem ser comprovadas com segurança (cf. HORT, G. The Death of Qorah. *Australian Biblical Review*, n. 7, p. 9 e 20-23). As explicações naturalísticas, seja a hipótese de um Kewir ou mesmo um terremoto, podem ajudar a confirmar a historicidade dessas tradições do castigo dos revoltosos, remontando ao tempo da peregrinação no deserto. Para a presente pesquisa, o que interessa é o objetivo teológico do relato da catástrofe dos revoltosos. O autor mostra que o fenômeno foi interpretado como castigo de Deus: uma vindicação celeste da autoridade de Moisés e Aarão (cf. WENHAM, J. *Números*, p. 145; DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 177).

⁷⁰² O comentário desta passagem baseia-se na frase de Teodoreto: “Aqueles revoltosos que haviam passado através do mar foram engolidos pela terra” (Patrologia Grega, Tomo 80, col. 381, citado in: DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 196).

⁷⁰³ Cf. BUDD, P. J. *Numbers*, p. 185.

30c). Tudo o que tinha relação com os culpados passou pelo juízo. Na realização do castigo, o verbo tragar tem como complemento: “eles” (os revoltosos) e “suas casas” (v. 32b). Com isso, é incluído no juízo tudo o que está na casa. A expressão “casas deles” inclui as posses, a comunidade de pessoas que habita na casa, esposas, filhos, e crianças (v. 27b. (cf. Gn 15,2; 42,19.33; 45,18; Js 24,15)⁷⁰⁴. “Datã e Abiram saíram postando-se na entrada das tendas deles com suas mulheres, filhos e crianças” (v.27b). As casas deles (v 32b) incluem todo esse grupo que pereceu. Ninguém restou do grupo de Datã e Abiram⁷⁰⁵.

8.3.3. Os homens de Coré (v. 32b)

A terra trago também todos os homens que eram de Coré e as posses (v. 32b). O autor tenta incluir no mesmo castigo parte do grupo de Coré, junto com Datã e Abiram. Esses homens não seriam os duzentos e cinquenta líderes que são castigados de forma diferente no v. 35, nem seus familiares⁷⁰⁶. Nossa interpretação é que “os homens de Coré” são outros companheiros de Coré, levitas (v.10) ou membros da congregação de Israel, que se juntaram a ele na convocação no v.19a. O grupo de Coré ganhou aí novos adeptos que se juntaram a Datã e Abiram na mesma revolta, formando o grande grupo representado pela “habitação de Coré Datã e Abiram” (v. 24b). Alguns autores assumem que “todos os homens de Coré”, no v. 32b, seriam os mesmos pertencentes à sua congregação, incluídos no grupo: “Coré e toda a sua congregação” (v. 5-6.11.16), abrangendo também os duzentos e cinquenta líderes (v.2.16a.17). Esta interpretação não combina com o texto, que reserva um castigo à parte para o grupo dos duzentos e cinquenta líderes também seguidores de Coré (v. 35)⁷⁰⁷.

⁷⁰⁴ Cf. JENNI, E. בַּיִת (“casa”). In: JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento I*, col. 454-455.

⁷⁰⁵ Junto com os culpados perecem também inocentes. Ainda não há uma teologia da retribuição desenvolvida.

⁷⁰⁶ A opinião de W. G. COATS (*Rebellion in the Wilderness*, p. 161, nota 58) de que membros da família de Coré junto com as posses foram soterrados não convence. É mais fácil admitir que eles foram seus servos (cf. KEIL C. F; DELITZSCH, F. *The Fourth Book of Moses*, p. 110). Os filhos de Coré de fato não pereceram (cf. Nm 26,11) e constituíram um importante grupo de levitas (Ex 6,24; Nm 26,58; 1Cr 9,31, 9,19; 26,1) com funções diversificadas. Um grupo de salmos é atribuído aos filhos de Coré (Sl 42-49 e 84; 85; 87-88).

⁷⁰⁷ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 319.

De fato o autor mostra que este grupo de Coré “todos os homens de Coré”, junto com Datã e Abiram, foram tragados pela terra (v. 32.33), enquanto os duzentos e cinquenta líderes, foram consumidos pelo fogo (v. 35). Portanto, o acréscimo em v. 32b “todos os homens de Coré” não significa a inclusão daqueles identificados com o grupo dos duzentos e cinquenta que ofereceram incenso⁷⁰⁸. Parece claro que outros membros da congregação de Israel devem ter aderido ao grupo de Coré (v. 19a) e foram tragados pela terra com Datã e Abiram. A rebeldia dos grupos é contra a autoridade de Moisés e Aarão. O castigo, mesmo que diferenciado, revela que todos os revoltosos são homens que desprezaram YHWH (v. 30). A revolta e as murmurações contra Moisés e Aarão fizeram deles culpados e dignos do castigo. Eles desceram vivos para o sheol, e a terra cobriu sobre eles. A terra abriu a sua boca e fechou como uma tampa de sepulcro aniquilando de vez os revoltosos⁷⁰⁹.

8.3.4. O destino de Coré

O Texto Hebraico parece sugerir que a morte de Coré será junto com Datã e Abiram, tragado pela terra (v. 27-29.32), embora entre aqueles especificados como engolidos pela terra sejam mencionados “os homens pertencentes a Coré”, e não especificamente ele, como líder da revolta⁷¹⁰. A questão levantada pelos críticos é que a morte de Coré de fato não é mencionada explicitamente no v.32b, nem no v. 35⁷¹¹. A morte de Coré, tragado junto com Datã e Abiram, é clara mais adiante em Nm 26,9b-10. Porém Nm 17,5 refere-se à morte de Coré pelo fogo. A frase final “para que não aconteça como Coré e como a sua congregação” pode ser uma alusão ao mesmo castigo deles pelo fogo, sendo que Coré também ofereceu o incenso conforme a ordem de Moisés (Nm 16,5-7. 16-17). De fato os dados da

⁷⁰⁸ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 319. Outros autores (B. Gray, M. Noth) interpretam v. 32b “todos os homens de Coré” como fossem os duzentos e cinquenta que ofereceram incenso. Isso é improvável, pois os duzentos e cinquenta líderes são castigados pelo fogo de YHWH em 16,35. Como poderiam ser castigados de morte por duas vezes?

⁷⁰⁹ Cf. HORT, G. The Death of Korah. *Australian Biblical Review*, n. 7, p. 13; AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 82-83.

⁷¹⁰ Cf. MILGROM, J. Korah's Rebellion. In: CARREZ, M (Ed.). *De la Torah au Messie*, p. 137.

⁷¹¹ Se esperaria uma formulação mais clara em v. 32b, incluindo Coré tal como: “Coré e todos os seus homens”. A forma dos textos, tanto v. 32b como v. 35, não permite afirmar o julgamento e morte de Coré junto com seus seguidores.

proibição: “nenhum estranho” e o comentário “que não seja ele da descendência de Aarão para queimar incenso”, “a fim de que não aconteça como Coré e sua congregação” (17,5), são indícios da destruição de Coré pelo fogo entre o grupo dos duzentos e cinqüenta⁷¹². No entanto, para esta interpretação ser verdadeira, no relato de 16, 35 deveria constar ao menos o total de “duzentos e cinqüenta e um” consumidos pelo fogo, incluindo Coré.

Permanece a dúvida: em qual castigo Coré de fato pereceu; se foi tragado pela terra, ou foi consumido pelo fogo⁷¹³. No texto de Nm 26,9-10, acima citado, Coré é explicitamente incluído, junto com Datã e Abiram entre aqueles tragados pela terra. No entanto, uma variante da versão samaritana de Nm 26,10 situa a morte de Coré entre aqueles consumidos pelo fogo: “e a terra abriu sua boca, e a terra tragou-os, quando aquele grupo morreu, ao mesmo tempo em que um fogo consumiu Coré junto com duzentos e cinqüenta homens”. Essa variante, porém, é secundária e corresponde à tradição utilizada por Flávio Josefo (*Antiguidades Judaicas*, IV, 55-56)⁷¹⁴, segundo a qual Coré fez parte daqueles consumidos pelo fogo.

Conforme a maneira de compreender os v. 32 e 35, pode-se elencar quatro interpretações possíveis sobre o destino de Coré: 1) Se Coré faz parte de “todos os homens de Coré” (v. 32b), então ele foi tragado pela terra com Datã e Abiram. Vimos que a inclusão de Coré aí não é clara. 2) Se ele não faz parte deste grupo e ao contrário deve ser juntado ao grupo dos duzentos e cinqüenta, então ele foi devorado pelo fogo⁷¹⁵. Também esta hipótese é difícil devido ao número dos castigados com o fogo ser exatamente “duzentos e cinqüenta”. 3) Se levarmos em conta a variante do Pentateuco Samaritano de Nm 26,10, então Coré teria sido consumido junto com os duzentos e cinqüenta líderes. 4) Se no entanto Coré não faz parte nem do grupo de Datã e Abiram, nem do grupo dos duzentos e cinqüenta

⁷¹² Cf. MILGROM, J. The Korah's Rebellion. In: CARREZ, M. (Ed.). *De la Torah au Messie*, p. 137.

⁷¹³ Cf. HORT, G. “The Death of Qorah. *Australian Biblical Review*, n. 7, p. 2-26; MILGROM, J. The Korah's Rebellion. In: CARREZ, M (Ed.). *De la Torah au Messie*, p. 136-138; WENHAM, J. *Números*, p. 144-145.

⁷¹⁴ Cf. LIVER, J. Korah, Dothan and Abiram. *Scripta Hierosolymitana*, vol. 8, p. 197, nota 16.

⁷¹⁵ Coré não pode ter sido consumido pelo fogo, pois vem citado à parte, como um a mais no enredo: “Estai diante de YHWH, tu e eles e Aarão” (16,16b). Incluindo Aarão e Coré, seriam “duzentos e cinqüenta e dois” os que receberam ordens de oferecer incenso. No entanto, somente os duzentos e cinqüenta que fizeram o oferecimento do incenso foram consumidos. O texto silencia sobre os outros eventuais companheiros de Coré, e sobre a própria morte de Coré.

líderes, então devemos deduzir que ele escapou da morte. Esta é a opinião de Rabbi Yohanan (Targum Babilonense, Sanhedrin 110a)⁷¹⁶.

Em nosso texto, o autor não achou necessário descrever minuciosamente a morte de Coré. A questão mais interessante da causa da revolta, com sua importância para exaltar o sacerdócio aronita, obscureceu a importância da maneira da morte de Coré⁷¹⁷. A atenção do autor concentrou-se na forma do julgamento para todo o grupo dos revoltosos e seus pertences: “todos os homens” (v. 29a), “eles e tudo o que é deles” (v. 30c.33a), “eles e suas casas” (v. 32b). O autor omite citar diretamente os líderes da revolta na parte final do enredo (v. 28-35). A morte de Coré deve então ser incluída no contexto mais amplo do julgamento de todos os que fizeram oposição à marcha do êxodo e revoltaram-se contra Moisés e Aarão (Nm 14,23.30). Mais cedo ou mais tarde, todos pereceram, inclusive Moisés e Aarão que também pecaram.

Na verdade, a morte começara com o isolamento de Coré Datã e Abiram. O início da separação que isolou os revoltosos (v. 21a) foi acompanhado da promessa infalível de destruição: “e eu os aniquilarei como um momento” (v. 21b). Toda aquela geração que murmurou contra Moisés e Aarão pereceu antes de entrar na terra prometida. Para o autor, qualquer oposição ou afronta à organização hierárquica da congregação que era de direito divino também significava oposição ao projeto do êxodo; portanto, passível de castigo.

Com relação aos duzentos e cinquenta líderes, também o castigo é implacável; porém, junto com o motivo da rebelião, outros motivos aparecem. Segundo J. Wenham, se os filhos de Aarão pereceram por oferecer o incenso para o qual não eram autorizados (Lv 10,1-2), com muito menor probabilidade, escapariam os duzentos e cinquenta líderes seguidores de Coré que nem eram sacerdotes⁷¹⁸. Eles pereceram pelo fogo (v. 35). Coré não foi contado como um deles, pois era levita, embora não aronita, enquanto os duzentos e cinquenta líderes eram leigos (v. 2). Isso talvez possa explicar certa diferenciação no castigo de Coré, que teria morrido mais tarde. Como Coré foi líder da revolta junto com Datã e Abiram (v. 1-3), contra a autoridade de Moisés e Aarão, o autor de Números necessita relatar mais tarde, em Nm 26,9-10, que ele pereceu no mesmo

⁷¹⁶ Cf. DORIVAL, G. *La Bible d'Alexandrie: Les Nombres*, notes, p. 353-354.

⁷¹⁷ Cf. HORT, G. The Death of Qorah. *Australian Biblical Review*, n. 7, p. 6.

⁷¹⁸ WENHAM, G. J. *Números*, p. 145.

castigo com Datã e Abiram. Assim, em parte é suprida essa lacuna da omissão do autor em relatar o modo do castigo de Coré no v. 32b.

Quanto aos “homens de Coré” (v. 32b), eles são seus seguidores e servos. Não são eles seus filhos, porque seus filhos não pereceram com ele (Nm 26,11) mas perpetuaram suas famílias (Nm 26,58). O objetivo em inserir “os homens de Coré” no mesmo castigo de Datã e Abiram, seria incluir Coré, na morte de Datã e Abiram e excetuar seus filhos que formaram a linhagem Coreíta⁷¹⁹. Tanto isso é verdade que, no livro das Crônicas, os coreítas eram conhecidos como cantores do tempo de Davi (cf. 1Cr 6,18-22; 9,19)⁷²⁰.

8.3.5. A descida dos revoltosos ao sheol (v. 33)

A possibilidade de “descerem vivos para o sheol”, no v. 30d, é realizada no v. 33a. Aí ocorreu uma descida ao sheol de forma incomum. A descida para o sheol ainda com vida somente acontece com Coré, Datã e Abiram. A frase é citada duas vezes em nosso texto e uma vez no Sl 4,16. Isso indica também a forma particularmente terrível do castigo⁷²¹. A terra que estava debaixo deles fendeu-se, e eles desceram todos vivos para o sheol. Primeiro são citados os culpados e as casas deles (v. 32b), que são os familiares, e depois todos os seus pertences. Pelo fato de o castigo vir por culpa de Coré, Datã e Abiram, seus familiares e pertences também tornaram-se objeto de castigo. A descida ao sheol é a descida ao sepulcro, pois a terra cobriu sobre eles e pereceram do meio da assembléia. Os três verbos juntos (descer, cobrir, desaparecer) colocam ênfase na destruição definitiva sem possibilidade de retorno.

⁷¹⁹ Cf. MILGROM, J. Korah's Rebellion. In: CARREZ, M (Ed.). *De la Torah au Messie*, p. 137.

⁷²⁰ Cf. KEIL C. F; DELITZSCH, F. *The Fourth Book of Moses*, p. 110. O Midrash Bamidbar Rabá, n. 18, falando das conseqüências da discórdia, relata que Coré foi castigado com todos os seus jovens, velhos, crianças de um dia e homens maiores, sem distinção de idade, segundo indica o v. 33a (cf. MELAMED, M. *A Toráh: comentário do livro dos Números*, p. 430).

⁷²¹ Cf. HORT, G. The Death of Qorah. *Australian Biblical Review*, n. 7, p. 13.

Nenhum vestígio restou da sua ruína, nem de seus pertences, nem do lugar onde estavam⁷²². Eles desceram vivos ao sheol, e a terra cobriu sobre eles, como a tampa do sepulcro (cf. Is 26,21)⁷²³. Assim pereceram do meio da assembléia. A forma do julgamento como descida ao sheol marca então a separação definitiva da congregação. Como o cisma dos revoltosos não teve possibilidade de retorno, também a descida ao sheol foi definitiva, sem possibilidade de retorno.

O castigo de “descer” até as profundezas da terra (sheol), é uma punição irônica em resposta à negação de Datã e Abiram em atender a convocação de “subir” (v. 12). O julgamento é igualmente o cumprimento da irônica acusação de que Moisés os fez subir de uma terra em que corre leite e mel para fazê-los morrer no deserto (v. 13). Ali eles morrem, sem entrar na terra que corre leite e mel⁷²⁴. O motivo era basicamente a negação da autoridade de Moisés como líder, considerada uma falta tão grave, quanto a recusa de serem conduzidos e subirem para a terra prometida.

8.3.6. Reação dos filhos de Israel (v. 34)

Todo Israel que estava ao redor deles fugiu (v. 34). A fuga foi resultado do medo de serem tragados pela terra. Além disso, outras causas devem ter levado à fuga. Alguns podem ter-se sentido culpados da revolta, por isso temeram o

⁷²² A retribuição como castigo coletivo da conduta do indivíduo era um dado comum no Antigo Testamento. Pelo assassinio de seu irmão, Caim tornou-se pai de uma raça amaldiçoada (Gn 4,16-24); a falta de vergonha de Cam tornou os seus descendentes escravos de Sem (Gn 9,22-27); por causa do rapto de Sara, também a casa dos culpados é castigada (Gn 12,17; 20,7); é o caso do nosso texto: Coré (Nm 16,20-30) e outros: Acam (Js 7,24-25), Eli (1Sm 2,31), Davi (2Sm 12,10), Jeroboão (1Rs 14,10). Esta forma de retribuição explica-se pelas condições jurídicas de acordo com as quais todos são responsáveis pelos atos uns dos outros. Em tal ambiente, a segurança é garantida pela vingança que não se limita ao assassino, mas se estende a todos os que são solidários com ele (cf. 2Sm 21,5; 1Rs 15,29; 16,11; 2Rs 9,26). Com a monarquia, a retribuição coletiva, aos poucos, perdeu sua razão de ser, pois acabou a independência própria dos clãs, tribos e famílias. Assim, em 2Rs 14,6 e na lei de Dt 24,16, proíbe-se a aplicação da retribuição coletiva. A mentalidade do povo muito lentamente foi mudando. Nos salmos (Sl 34,28.38; 109,9-14) e na literatura sapiencial (Sb 3,12; 4,3-6; Eclo 41,5-7), encontram-se ainda resquícios do espírito antigo (cf. NELIS, Retribuição. In: VAN DEN BORN, A. (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, col. 1317). Essa retribuição a Datã e Abiram parecia exagerada aos próprios rabinos. No Talmud, temos um trecho em que “Ana reza por eles”. Esta é a opinião de Rabbi Iehoshua Ben Levi. Então rabi disse em nome do rabi Jossi: “Assim afundou a tribo de Coré para baixo até que Ana apareceu, rezou por eles e disse: O Senhor mata e faz viver. Leva para o sheol e eleva novamente (cf. 1 Sm 2,6; J. Sanherin 10,1) (Os textos são citados in: STAUBLI, T. *Levitikus, Numeri*, p. 267).

⁷²³ Cf. AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 83.

⁷²⁴ Cf. MAGONET, J. The Korah Rebellion. *Journal Study of the Old Testament*, n. 24, p. 21.

castigo. Outros podem ter mostrado sua solidariedade aos revoltosos, e assim abandonaram Moisés⁷²⁵. O julgamento de Deus, que é a destruição, ocorreu conforme fora descrito nas palavras de Moisés (v. 28-30). O castigo como fato extraordinário, com grande ruído (Nm 16,34), irá tornar-se castigo exemplar, como um sinal (cf. Nm 26,10). Ninguém ousará levantar-se contra a autoridade de Moisés, pois o pior pode acontecer. A forma do julgamento, nos detalhes chocantes, não fora prevista nas instruções de YHWH na tenda do encontro. Moisés como mediador, da vontade de Deus, explicita o fenômeno de uma criação nova na forma de um teste cujo resultado foi a destruição dos revoltosos. O desfecho trágico e o pânico provocado no povo não pareceram fortalecer a autoridade de Moisés, ao contrário, acentuou o mal estar entre ele e o povo, dando origem a outras revoltas (cf. Nm 17,6).

8.3.7. O destino dos duzentos e cinquenta líderes (v. 35)


Os duzentos e cinquenta líderes foram punidos com um castigo mais terrível. Se os outros foram tragados vivos pela terra, estes foram consumidos pelo fogo de YHWH. O fogo desempenha importantes funções nas ações e aparições de Deus como sinal de sua presença (Gn 15,17; Ex 19,18)⁷²⁶. Desempenha tanto função judiciária (Lv 10,2) como teofânica (Nm 16,19-21)⁷²⁷.

Na ação de julgamento, o fogo de Deus vem para punir (Nm 11,1-3; Nm 16,35; Lv 10,2), e relaciona-se com a ira divina. Assim, Moisés suplica a Deus que desista do ardor de sua ira (Ex 32,12) e é atendido (Ex 32,14). Em Os 11,9, lemos esta promessa divina “não executarei o ardor de minha cólera”. Em Is 30,33: “O sopro de YHWH incendiará como uma torrente de enxofre”. Diz o Senhor em Is 33,11: “Meu sopro é como o fogo que vos consumirá”. Moisés e Aarão haviam intercedido que YHWH não se encolerizasse contra todos (cf. v. 22)⁷²⁸, pois o pecador foi o líder que formou o grupo de revoltosos (v. 1-2). Em

⁷²⁵ O autor parece olhar para um povo, que uma vez era todo Israel, mas agora dispersou-se, como ovelhas sem pastor. Esta situação bem pode espelhar o contexto depois do Exílio quando todo Israel não existe mais (cf. AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 83).

⁷²⁶ Cf. HEGER, P. *The Development of Incense Cult in Israel*, p. 73.

⁷²⁷ Cf. GIRARD, M. *La violence de Dieu dans la Bible Juive*, p. 153.

⁷²⁸  (“fôgo”). In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. I, p. 425-428.

Nm 16,35, os duzentos e cinquenta que colocaram sobre os incensórios fogo e deitaram sobre ele incenso (v. 18), conforme a ordem de Moisés (v. 17), ironicamente foram queimados pelo fogo. Os revoltosos são consumidos pelo fogo da ira divina (v. 21. cf. Ex 32,9; 33,5) que corresponde ao fogo dos incensórios recusado por YHWH⁷²⁹. Se o fogo de YHWH tivesse queimado apenas o incenso nos incensórios, teria significado sua justificação. Eles seriam confirmados no seu sacerdócio e devidamente autorizados a exercer as funções cultuais. Porém o fogo de YHWH queima o incenso com os próprios ministros do oferecimento; o que significa rejeição total de suas murmurações e pretensões ao sacerdócio⁷³⁰. O fato de cada um dos duzentos e cinquenta fazer o oferecimento com o próprio incensório não destinado para estas funções, e o fato de este grupo não fazer parte do grupo aronita, foi a causa da sua ruína pelo fogo⁷³¹. Ao leitor cabe a pergunta: se os duzentos e cinquenta foram castigados ao oferecer o incenso porque não eram credenciados, quem restou com direito a este ministério? Restou o grupo de Moisés e Aarão, enquanto os outros foram punidos, ou fugiram. Conforme a norma, nenhum que não pertença à descendência de Aarão poderá aproximar-se para oferecer o incenso (cf. Nm 17,5). Coré, embora fosse levita, passará a ser contado entre os estranhos por liderar a rebelião e, portanto, culpado de um pecado mais infame, digno do castigo.

O grupo seguidor de Coré ousou revoltar-se contra Moisés e Aarão, por reclamar o direito de exercer o ministério sagrado, então reservado à classe sacerdotal (v. 2-5). Eles se submeteram ao teste do oferecimento do incenso (v. 6a-7; v. 18) e foram também isolados da congregação dos filhos de Israel. O texto de Nm 16,35 representa o resultado das pretensões desse grupo que desejava a santidade. Eles foram consumidos pelo fogo de YHWH, por suas pretensões ao sacerdócio, colocando-se com isso contra as autoridades estabelecidas por ordem divina⁷³². A destruição deles é simultânea ao ato do oferecimento do incenso. O

⁷²⁹ Cf. Bíblia do Peregrino, nota sobre Nm 16,6.

⁷³⁰ Cf. LEHMING, S. Versuch zu Num 16. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, n. 74, p. 317.

⁷³¹ Cf. HEGER, P. *The Development of Incense Cult in Israel*, p. 52-54.72-73. J. LIVER, (Korah, Dothan and Abiram. *Scripta Hierosolymitana*, vol. 8, p. 207) é do parecer que o grupo foi queimado porque ofereceu um fogo estranho. O mal que provocou a ira de Deus parece não estar no oferecimento do incenso, mas na pessoa dos oferentes que não foram autorizados para esta missão. O pecado deles, na verdade, foi o desejo de usurpar a função sacerdotal (cf. HEGER, P. *The Development of Incense Cult in Israel*, p. 72).

⁷³² Cf. ARTUS, O. *Etudes sur le livre des Nombres*, p. 190.

particípio hifil no estado construto מִקְרִיבִי da raiz קרב (“aproximar-se”) é o termo técnico da linguagem cultual e designa a apresentação contínua da oferenda: aqueles “que estavam aproximando”⁷³³. Não chegaram a terminar o oferecimento, pois o fogo de YHWH consumiu as oferendas e os ministros ao mesmo tempo. A ação de Deus, portanto, é fatal para aqueles não autorizados a aproximar-se dele. “YHWH aproximará a si a quem escolheu por si” (v. 5). Esta realização do oferecimento do incenso (v. 18) não chega a revelar à congregação dos revoltosos quem é o santo, porque o rito significou para eles sua ruína total. Foram consumidos no momento do oferecimento, restando apenas os incensórios a serem conservados como memorial (Nm 17,4-5).

A ruína dos duzentos e cinqüenta homens evoca o castigo sobre Nadab e Abihu, filhos de Aarão, no relato de Lv 10,1-3. O vocabulário recorrente no texto é o mesmo utilizado no relato sacerdotal de Nm 16. Uma comparação entre Lv 10,1-3 com Nm 16,6-7 mostra que os textos desenvolvem uma teologia semelhante, cujo tema central é a pretensão à Santidade⁷³⁴. Ao mesmo tempo em que ninguém pode arrogar-se o direito de santificar (Lv 10,1-3), também ninguém pode pretender ser santo fora dos critérios estabelecidos por Deus. YHWH é a origem de toda santidade. Ele escolhe quem é o santo, elege, e concede o dom de aproximar-se dele (Nm 16,5). Se o juízo acontece com a separação e isolamento dos culpados, a santidade é entendida como aproximação. O mais santo é o mais próximo ou aquele com maior possibilidade e direito de aproximar-se de YHWH. Os sacerdotes são retirados do meio do povo para estar próximos de Deus e a serviço dos outros. O pecador é o malvado, de quem a congregação deve preservar-se e manter-se afastada para evitar a contaminação.

⁷³³ Cf. JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento II*, col. 852-854.

⁷³⁴ Cf. ARTUS, O. *Etudes sur le livre des Nombres*, p. 191.